

MÁRIO F. LAGES, *VIDA/MORTE E DIAFANIA DO MUNDO
NA HISTÓRIA DA CAROCHINHA. ENSAIO ETNOLÓGICO.*
«COLEÇÃO ESTUDOS E DOCUMENTOS» 13, LISBOA,
UNIVERSIDADE CATÓLICA PORTUGUESA. 2006

Isabel Cardigos*

Estamos perante o primeiro estudo de grande fôlego jamais feito sobre *A História da Carochinha*, essa história «que teve a honra de abranger e rotular a totalidade dos contos e de exprimir, por inchaço semântico, tudo o que a vida segrega de ingénuo e pueril» (J. Gomes Ferreira).

Já há uns anos que sabíamos que Mário Lages trabalhava sobre *A Carochinha*, e claro que sorriámos. Iria a história da Carochinha e do João Ratão realmente merecer o que viriam a ser estas quase 500 páginas por um consagrado estudioso da cultura de tradição oral? Sabemos agora que merecia. Nós, que temos andado mergulhados em classificações e catalogações há já quase dez anos, suspeitávamos que *A Carochinha* valia a pena pela particular difusão que tinha no mundo¹: completa, isto é, com uma primeira parte da selecção, casamento e morte de um noivo, e uma segunda parte do lamento pela sua morte, *A Carochinha* só aparece na Península Ibérica e na Itália. A primeira parte do conto aparece na área mediterrânica (em que incluímos Portugal) e, tanto quanto sabemos, vai até ao Iraque. A lengalenga da segunda parte, sem desenvolvimento da narrativa inicial e com outros protagonistas, aparece em França, na Inglaterra, na Alemanha.

A curiosidade com que comecei a ler o livro cedo se me perfilou em seriíssimo interesse e atenção. Curiosidade? Desde logo, no título, uma lindíssima e enigmática palavra: *diafania*: «Diafania do Mundo», palavra com que vamos divagando ao longo da leitura: «no entendimento que o mitógrafo popular faz da realidade, tudo é [aperceptiva e ontologicamente] diáfano: as coisas indiciam-se mutuamente [...], embora seguindo as regras rigorosas da produção simbólica» (p. 116). Como no escudo de Aquiles (passo da Ilíada citado na p. 26), em que todos os entes e acções da realidade se intersignificam.

* Universidade do Algarve.

¹ Conto classificado no índice internacional de Aarne, Thompson e Uther (ATU) com o título *Little Ant Finds a Penny* (n.º 2023). Hans-Jörg Uther, *The Types of International Folktales. A Classification and Bibliography* (3 vols.), FF Communications n.ºs 284-286, Helsinki, Academia Scientiarum Fennica, 2004.

Só que nos contos de transmissão oral, e paradigmaticamente neste, «tudo está marcado com o selo da insignificância» (p. 10). Tudo é disfarce. Através da «aparente inatividade dos temas tratados» e da «pobreza de meios de expressão empregues no conto», esta obra propõe-se seguir um «processo de desvendamento» de «conceitos ontológicos e antropológicos fundamentais» que aparecem em síntese na história da Carochinha (p. 10 e ss.).

Na sua incessante e meticulosa busca de sentido, o autor detém-se sobretudo diante daquilo que se apresenta como absurdo e desconcertante, para lhe perscrutar o enigma.

E, neste nosso mundo desencantado (em que tudo é relativo, valores e verdades, e a procura duma «essência» foi banida do discurso), é profundamente comovida que eu comparo esta demanda de sentido à daqueles heróis dos *contos de fadas*, que dão atenção àquilo que é (aparentemente) inútil, insignificante, humilde, desprezível... esses que tão bem souberam ouvir a voz dos animais que a aprenderam, e com ela entendem o mundo. Ou como a enjeitada que, ao catar uma velha hedionda, vê pérolas no que são lêndas, e é recompensada passando a «dizer» pérolas quando fala. Se há alguma «moral» nesses contos, ela é a de ensinar a não ir pelas primeiras impressões.

Diz Mário Lages: «a primeira impressão que se tem ao ler [a história da carochinha] é a de ser uma pura forma sem conteúdo, um referente sem referencial [...] um dizer vazio que em si próprio se esgota» (p. 11). E, no labor de reflexão e de escrita, o autor vem a comprovar a hipótese proposta à partida de que «a permanência da história da carochinha decorre da centralidade do sentido que transmite, da sua dimensão lúdico-dramática e do seu carácter estranho e absurdo», que «a resguarda do esquecimento e da marginalização, ao contrário de outras histórias que tiveram livre curso nas sociedades tradicionais e que depois desapareceram» (p. 15). Se aqui recuamos um pouco ao sentir um eco daquela voz de sereia segredada no Romantismo de que o povo mais não é do que transmissor ignorante de veladas verdades preciosas e arcanas, damo-nos conta de que tal tentação é logo atalhada pela fundamentação inspirada mas segura de mestres como Lévi-Strauss. De facto, Mário Lages parte com sólidas ferramentas teóricas (filosóficas, antropológicas) para esta busca do sentido do mundo que o texto guarda. Além disso, é com uma apurada intuição – fruto da familiaridade de longa data com a tradição popular portuguesa – que o autor vai ajuizar os diferentes graus de autenticidade dos muitos textos da tradição oral abordados neste seu estudo (77, só da Carochinha portuguesa).

O texto de referência da Carochinha é depois cruzado com muitos outros e, a propósito dele, vão-se desdobrando um sem-fim doutros textos, que discorrem entre si e se vão mutuamente esclarecendo. Texto de muitas margens, em que, por exemplo, se discorre sobre carochas, doninhas ou formigas (variantes para a figura da heroína), descobrindo as homologias entre elas que validam o sentido

profundo da transmissão da narrativa, que transforma um animal repelente numa figura simpática, feminina, requintada, pronta para o casamento e procriação: «carochas, baratas, formigas ou doninhas, respondem ao mesmo domínio e desígnio de significação, resultante não de uma escolha casual dos narradores mas de uma lógica recôndita que funciona à revelia de deturpações, obnubilações e racionalizações introduzidas no processo de transmissão» (p. 112).

A primeira parte da *História da Carochinha* (da sua selecção de um noivo, e da morte do mesmo), é interpretada por Mário Lages como a história do desastre que decorre de um casamento desigual, aqui entre espécies (Cap. 3, «As Afinidades Electivas»). Isto porque (acrescentamos nós) a história da Carochinha não é, de modo algum, um conto de encantamento (ou *de fadas*), pois este, quase sempre de um casamento desigual, tem (também quase sempre) um desenlace feliz. Quando se trata de espécies diferentes (como na Bela e o Monstro) é porque houve encantamento, daí que o desencantamento preceda o final feliz. Na *História da Carochinha*, pelo contrário, a carocha (por mais sofisticada que seja) não deixa de ser uma carocha nem o rato um rato. Por natureza feia e repelente, ela vem a tornar-se na «carochinha», «bonita e perfeitinha», que – centrada no bem vestir – se enfeita para arranjar noivo. Do cortejo de pretendentes testados por ela (cena descrita numa sequência formulística, em que os testes são predominantemente da voz e da alimentação), apenas passa o teste o animal que à Carochinha parece mais civilizado: um ratinho que passa logo a ter nome e apelido (João Ratão). Mas morre porque se porta como um rato, come sem regras, sozinho. Não há cultura que apague as diferentes naturezas de um e de outro. A este propósito e por contraposição, Mário Lages recorda um texto do *Panchatranta* (pp. 249-253), que nos remete para uma situação análoga, só que com a escolha certa – a da mesma espécie – e, por conseguinte, um desenlace feliz. Uma ratinha é transformada em menina, tão linda que, quando chega a altura de casar, lhe é proposto o Sol como noivo. Segue-se um encadeamento semelhante ao de «A formiguinha e a neve», para ela decidir qual será o noivo perfeito, o mais forte: mais forte que o Sol, a Nuvem; mais forte que a Nuvem, o Vento; mais forte que o Vento, o Muro. Mais forte que o Muro... o Rato! E é o rato que a menina escolhe, feliz, obedecendo assim à sua verdadeira natureza – e revertendo a ela.

Interessantíssima e central no argumento que propõe sentido para esta história é a leitura de Mário Lages que se organiza em torno da dicotomia «comer» e «vestir», que por sua vez se articula com natureza e cultura, morte e vida. Morre o João Ratão, a Carochinha fica viúva, o casamento foi fruste, estéril.

«Os factos colocados no espaço simbólico são máscaras do sentido, feitas na tristeza das coisas ausentes». Esta frase não é de Lacan, é de Mário Lages, no início do capítulo 5 «O Trauma Real», capítulo esse que abre com a belíssima epígrafe de Jakobsen, «la tristesse de l'absence masque l'absent», e que se debruça sobre a

lengalenga cumulativa que constitui a segunda parte da história (hoje raramente lembrada), em que se encenam os lamentos que repercutem o trauma da morte do João Ratão, acordado pelo pranto da Carochinha. «A tristeza que move os actores não faz mais do que evocar a ausência essencial e definitiva de alguém. O que resta é o trauma que ela produz. Assim, os sentimentos postos à deriva e os seres colocados aparentemente de forma indiscriminada na lengalenga, substituem uma ausência essencial e tornam-se enunciadores [...] dessa realidade» (p. 191). Assim, a rainha «em fraldas pela cozinha» reproduz como máscara grotesca e delirante, a disponibilidade sexual que tem a Carochinha enfeitada à janela pronta para escolher noivo. E a figura do rei a «arrastar o c. pelas brasas» reproduz o João Ratão cozido e assado no caldeirão.

Começa com o espaço doméstico (tripeça, porta e trave), sai fora da porta para a natureza (pinheiro, passarinhos, fonte) e invade o espaço humano até chegar ao rei e rainha. Mário Lages vai-nos desvelando este espaço simbólico, que parece de deriva e está afinal rigorosamente estruturado numa organização especular, simétrica, criadora de sentido, com os extremos coincidentes: o rei e a rainha são assim reencenações do João Ratão e da Carochinha. Todos reflectem e modulam o drama daquele desajuste: o mundo, afinal, não permite uniões díspares, não é poroso, «diáfano». É dessa perca que se trata, é essa perca que se chora. A lengalenga recria assim essa outra diafania intrínseca das coisas, em que tudo o que é separado se reflecte e se corresponde quando lamenta que o mundo assim não seja.

Não posso dar mais do que um apontamento breve da imensa riqueza a descobrir nas muitas páginas deste livro. Nele somos confrontados com ideias tão estimulantes, que suscitam, em nós, outras que as confirmam, as interrogam, segregando ainda outras...

O livro convoca ainda uma série de outras histórias que, entretécidas, suscitam sentidos insuspeitos antes terem sido justapostas: A Carochinha e a Gata Borracheira; a história do tonto Manuel Vaz que, no dia do casamento, não faz senão disparates; a história do Filho da Forneira que, montado no seu peixinho encantado, faz rir a princesa que vê a cena do seu balcão e, magicamente, a engravida: riso de vida fértil e eufórica que contrasta com o choro da carochinha, viúva e estéril.

Pela mão de Mário Lages, dentro dum elaborado enquadramento teórico e metodológico, «os contos pensam-se entre si» e ajudam-nos a pensar. Pensamento mítico? E porque não? Lévi-Strauss reclamou para si, ser, depois de Freud, o último mitólogo da história de Édipo. Tal como nos mitos, também «os factos no espaço lógico são o mundo»². Mário Lages faz agora entrar na roda dos contos que se pensam entre si a História da Carochinha.

² Citação de Ludwig Wittgenstein, em epígrafe na obra apresentada.